Conjuntura Grande preocupação é com a nova redução das margens de lucros em função do aumento do dólar

Apesar da crise, empresas mantêm os investimentos

De São Paulo

A retração da econômica no Brasil e no exterior não será suficiente para que empresas engavetem os investimentos programados para o próximo ano. Cautelosos quanto aos desdobramentos da crise desencadeada pelos atentados terroristas aos Estados Unidos e com a tendência de valorização do dólar, os empresários estão preocupados com uma possível redução nas margens de lucros. Essa é a impressão transmitida pelos empresários que participaram, ontem, da entrega do prêmio Valor 1000, em São Paulo.

O atual cenário da economia mundial e brasileira não muda os planos de investimentos da Açominas para 2002, disse Luiz André Rico Vicente, presidente da siderúrgica. A empresa tem planejado US$ 73 milhões. Desse valor, US$ 55 milhões vão ser aplicados em um laminador de vergalhões para a indústria da construção, que ficará pronto em setembro de 2003. "Até lá, acreditamos que a economia já terá se ajustado".

A empresa investirá o restante numa nova turbina para geração de energia, alcançando a auto-suficiência, e na modernização das linhas de acabamento da usina, para melhor a qualidade dos produtos. "É um investimento pequeno, de US$ 10 milhões, mas com elevado índice de retorno", observou Rico Vicente. Em 2002, a empresa conclui outro investimento, de US$ 75 milhões que marca sua entrada no mercado de perfis estruturais, bem ainda não fabricado no país.

A direção da Açominas acredita que o dólar tem espaço para cair. "Não há fundamento econômico para ficar além do patamar atual de R$ 2,70", afirmou Marco Antonio Pepino, vice-presidente do conselho de administração da siderúrgica.

A alta do dólar e os ataques terroristas aos EUA não vão alterar os planos da Carbocloro para 2002. Segundo Arthur Whitaker de Carvalho, presidente da companhia, o projeto de construção de uma subestação de energia elétrica, orçado em US$ 17 milhões, será mantido.

Segundo Ogari de Castro Pacheco, diretor-presidente do laboratório Cristália, havia investimentos previstos de US$ 15 milhões, que seriam usados na construção de uma nova unidade no país. "Só vamos manter os gastos previstos para este ano, que somam US$ 3 milhões", diz.

Dona de uma exportação entre 5% e 6%, de um faturamento anual de US$ 120 milhões, o executivo descarta aumentar as vendas para o exterior, mesmo com a valorização do dólar no país.

Élcio Aníbal de Lucca, presidente da Serasa, empresa de serviços do setor financeiro, disse, por sua vez, que "nosso planejamento é de longo prazo, com planos de cinco anos e revisão anual. Cumprimos o orçamento do ano 2001 apesar das novidades." A empresa adotou uma postura de cautela para 2002 e ainda não tomou nenhuma medida de contenção de investimentos em função das últimas más notícias. "Portanto, continuamos investindo e crescendo até fevereiro de 2002, quando faremos a revisão do orçamento."

O diretor-presidente da Coopavel — Cooperativa Agropecuária Cascavel —, Dilvo Grolli, disse que os investimentos da empresa para o próximo ano estão mantidos. A partir de meados de 2002, a empresa irá colocar em operação dois novos frigoríficos em Cascavel (PR): um para abate de suínos e outro de bovinos. O investimento nas duas plantas é de US$ 25 milhões. Ele avalia que há sinais de recessão mundial, mas acredita que a agricultura e a pecuária podem ser até beneficiadas. Os produtos do agribusiness brasileiro vivem um bom momento para a exportação. Além do câmbio, crê que os custos dos produtos são atraentes e sua qualidade é reconhecida.

"Existe uma grande dificuldade para passar a alta dos custos para os preços", diz Fernandes, da Debis Humaitá

Já para a Debis Humaitá, as perspectivas para o próximo ano terão de ser revistas, mas a previsão inicial é de manter os investimentos e as metas de faturamento, diz João de Matos Fernandes, diretor de tecnologia da empresa, especializada em serviços de tecnologia da informação. "O que estamos fazendo é acompanhar com cuidado o movimento do dólar e a crise nos EUA."

Para a Debis, a pressão do dólar é sobre os equipamentos e softwares usados pela empresa, que representam cerca de 35% de seus custos. "Existe uma dificuldade para passar isso para os preços", comenta Fernandes. Nem os clientes nem os fornecedores estão muito dispostos a negociar, explica. "A crise brasileira é maior do que se imagina."

A Eletrosul, estatal de transmissão elétrica sediada em Florianópolis, provavelmente terá que rever o seu orçamento de 2002 em função da alta do dólar. O presidente da companhia, João Paulo Kleinubing, disse que boa parte dos materiais utilizados na construção de linhas de transmissão são importados, como cabos e transformadores. Em 2001 a companhia retomou os investimentos que estavam paralisados havia três anos. Serão aplicados R$ 220 milhões neste ano e para o próximo a previsão de R$ 302 milhões.

Quando passar a fase da comoção mundial, o Brasil deve voltar a trilhar o rumo da estabilidade. A avaliação é do presidente da Sabesp, Ariovaldo Carmignani, que aposta no crescimento do país, embora seja cauteloso quanto às medidas que devem ser tomadas pelo governo. "Estamos vivendo o pico da crise. É natural que o Brasil seja afetado, por causa da sua fragilidade, mas, acredito que vai passar a fase da comoção e o país saberá como proceder", diz. Por esta razão, a Sabesp manterá o plano de investimentos em 2002, estimados em R$ 600 milhões. Boa parte do volume está em fase de negociação junto ao BNDES e à Caixa Econômica Federal. Carmignani não acredita, contudo, que a crise econômica deve interferir na decisão das instituições na liberação dos empréstimos.

As empresas também demonstraram preocupação com as cotações do dólar. A visão geral é de que não há espaço para repassar os aumentos de custos provocados pela alta do dólar. Já o ministro da Fazenda, Pedro Malan, defendeu que as empresas atuem igualmente para no aumento das exportações e em uma eficiente substituição de importações. "Uma gera e outra poupa divisas", disse.

Malan ponderou que os sinais de desaceleração da economia americana e de outras importantes economias mundiais já estavam presentes desde o final do primeiro trimestre do ano e agora ficaram mais intensos após os atentados terroristas do dia 11 de setembro. Na sua avaliação, contudo, os efeitos econômicos "serão mais transitórios e temporários, embora os próximos meses não serão um período fácil". A depreciação do real gerou um enorme incentivo tanto a exportação como à produção nacional competitiva, disse.

O ministro do Desenvolvimento, Sérgio Amaral, também defendeu a necessidade do país alcançar saldos comerciais cada vez maiores como forma de vencer as adversidades externas.

A recente alta do câmbio também foi influenciada por movimentos especulativos segundo o ministro da Fazenda Pedro Malan. Para ele, as medidas recentes adotadas pelo Banco Central para conter a liquidez do sistema financeiro vieram para lidar com o fato de que havia pessoas no mercado "apostando que o real tinha uma só direção que era a da depreciação contínua". Ele disse que essa não é a visão do governo. O ministro acredita que prevalecerá a avaliação de que "os fundamentos da economia brasileira são compatíveis com um processo sem traumas para as empresas e o país".

Amaral mostrou-se confiante sobre a possibilidade de o país aumentar as vendas no exterior mesmo em um quadro de desaceleração mundial. Ele usou como argumento o crescimento de 8% nas exportações este ano e um aumento ainda maior para as vendas aos Estados Unidos. "E o cenário já não era propício".

Eugênio Staub, presidente da Gradiente, acredita que o dólar vai se estabilizar no patamar de R$ 2,70. "É o câmbio dos sonhos dos exportadores", diz ele. Sobre exportações, ele está otimista com a criação do Comitê de Gestão do Comércio Exterior. "Acho que pode resolver os entraves burocráticos às exportações e questões pontuais de diversos setores, como os problemas logísticos da Zona Franca de Manaus", diz.

"Se houver crescimento no próximo ano, será pequeno. O constrangimento cambial obriga o país a segurar o crescimento, porque temos que garantir saldos comerciais com contração interna e co m mais exportações. É difícil exportar com uma conjuntura externa adversa, então a desaceleração interna é um componente importante para fazer saldo na balança, que é o principal problema", comentou Staub.

A fragilidade econômica pela qual passa a economia brasileira, com o dólar pressionado e expectativas de crescimento cada vez mais pessimistas, não mudaram os planos de expansão da Tecidos e Armarinhos Miguel Bartolomeu, a Tambasa. Alberto Portugal, diretor comercial da empresa, acredita que as cotações do dólar vão ceder a curto prazo. A Tambasa, lembra ele, está terminando de construir seus novo centro de distribuição, com 20 mil metros quadrados, que exigiu investimentos da ordem de R$ 12 milhões. A Tambasa está crescendo 15% ao ano e, em 2001, deve fechar com faturamento de R$ 220 milhões.

As exportações poderão ser alavancadas, com efeitos no 2º semestre de 2002, afirma Contador, da Visteon

Portugal diz ainda que não sentiu nenhum reflexo das últimas subidas do dólar em seus custos e acredita que o patamar atual, acima de R$ 2,70, não deverá se sustentar por muito tempo. Se o governo implementar as medidas que vem anunciando, as exportações poderão ser alavancadas, independentemente do câmbio. E o efeito disso poderá ser sentido no segundo semestre de 2002. A opinião é do presidente da Visteon, Hélio Contador. Contador não acredita que o câmbio está ajudando nas exportações porque empresas como a que ele representa dependem muito de importações. A Visteon precisa comprar no exterior componentes eletrônicos para montar rádios e outros sistemas de áudio, exportados para os EUA. Para Contador, o câmbio no Brasil ainda passa por especulação. Mas não vê nenhuma possibilidade de a cotação se alterar nos próximos dias

Já Carlos de Paiva Lopes, presidente da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica), acredita que a desaceleração econômica deve reduzir o déficit do setor, previsto para US$ 8,5 bilhões esse ano, já que as importações de componentes devem diminuir.

Fernando F. M. Jorge, vice-presidente e chefe financeiro da Multibrás, fabricante das marcas Brastemp e Consul, não vê perpesctivas de melhora neste fim de ano nem para 2002. Segundo ele, o mercado brasileiro de eletrodomésticos da linha branca retrocedeu sete anos, voltando para os patamares de 1994. Na sua avaliação, o mais prudente neste momento, em que o retorno dos investidores americanos encolhe a cada dia em dólar, é ser cauteloso. A empresa, que fechou a fábrica de São Bernardo do Campo em março, ou antes da crise energética e dos atentados nos EUA, não planeja novas demissões até o fim do ano. Na unidade de Manaus, segundo ele, as vagas que estavam previstas não foram preenchidas.

RAFAEL JACINTO/VALOR

Malan: havia pessoas no mercado "apostando que o real tinha uma única direção que era a da depreciação contínua"